



## ENTRE DEUSES E HUMANOS: TRAVESSIAS HÍBRIDAS DE GÊNERO-SEXUALIDADE NO CURRÍCULO DA DIFERENÇA.

Camila Claíde Oliveira de Souza<sup>1</sup>  
Gilcilene Dias da Costa<sup>2</sup>

### Resumo

O problema de investigação consiste em saber que *entre-lugares* a diferença movimentada nos jogos de poder-saber que configuram seu processo de (in)visibilização no curso de Pedagogia da UFPA-Belém, relativo às questões de gênero-sexualidade? O estudo dialoga com os Estudos Culturais e a Teorização Pós-crítica do Currículo, tecendo conexões com os estudos de gênero-sexualidade por meio das Metodologias Pós-críticas em Educação, tais como, Bhabha (2013), Louro (2008), Scott (1995), Meyer e Paraíso (2014). A relevância do estudo consiste em perscrutar outros modos de olhar essas diferenças pelas frestas do currículo, desafiando saberes tradicionalmente hegemônicos e vislumbrando uma perspectiva intersticial (*entre-lugar*) capaz de tocar em pontos firmes e frágeis de nossas diferenças.

**Palavras-chave:** *Entre-lugares*; Gênero-sexualidade; Currículo da diferença.

### Abrindo o diálogo...


No presente texto, intencionamos traçar alguns itinerários de pensamentos sobre a mitologia grega antiga e a trama curricular no Curso de Pedagogia da UFPA-Campus Belém, a fim de perceber a trajetória que o tema dos *entre-lugares* da diferença vem traçando nos estudos Pós-críticos de Currículo com suas múltiplas possibilidades de pensar um currículo na perspectiva da diferença.

Uma das razões pelas quais a questão da diferença vem ganhando uma centralidade nesse estudo parte de percepções cotidianas de constantes conflitos de natureza social, cultural, religiosa, com crescentes manifestações de atitudes de ódio frente às diferenças, sobretudo contra gays, lésbicas, travestis, transexuais, transgêneros entre outros sujeitos LGBT.

<sup>1</sup> Mestra em Educação pelo PPGED/UFPA. Professora Substituta da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Participa do Grupo de Pesquisa ANARKHOS – Arte, Filosofia e Linguagem na Educação (CNPq/UFPA). E-mail: camilaclaide@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Educação pelo PPGEDU/UFRGS. Professora da Universidade Federal do Pará (UFPA) vinculada aos Programas PPGEDUC/UFPA, PPEB/UFPA. Coordenadora do Grupo de Pesquisa ANARKHOS– Arte, Filosofia e Linguagem na Educação (CNPq/UFPA). E-mail: costagilcilene@gmail.com





Em acordo com Costa (2005, p. 201), entendemos que as perguntas não são “formalidades indispensáveis da pesquisa, que nos oferecem segurança e nos apontam caminhos confiáveis”, mas inquietações que nos desafiam e “estão intrinsecamente vinculadas a formas particulares de ver, compreender e atribuir sentido ao mundo”. A articulação da temática dos *entre-lugares* da diferença no Curso de Pedagogia nos faz questionar: Que *entre-lugares* a diferença movimenta nos jogos de poder-saber que configuram seu processo de (in)visibilização no Curso de Pedagogia da UFPA-Campus Belém, relativo às questões de gênero-sexualidade?

O texto dialoga com intercessores teóricos no campo dos Estudos Culturais e da Teorização Pós-crítica do Currículo, tais como: Bhabha (2013), criador do conceito *entre-lugar*; Costa (2014) e a questão de um pensar/filosofar, Louro (2008) e Scott (1995) com a discussão de gênero, Meyer e Paraíso (2014) com a metodologia pós-crítica. A construção de uma aproximação híbrida entre deuses e humanos no limiar da diferença partiu especialmente da leitura de Bulfinch (2002), que acabou perfazendo um limiar verídico e imaginário onde habitam divindades e humanidades, por onde pudemos lançar um olhar singular para pensar/filosofar essa trama no jogo da diferença.

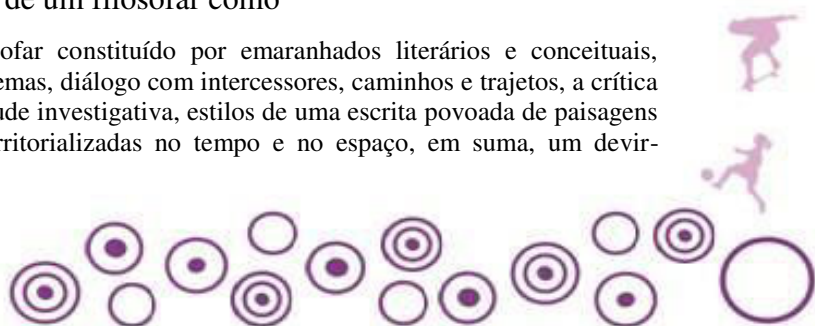
O texto relaciona-se com fenômenos complexos do campo da pesquisa dos *entre-lugares* da diferença de **gênero-sexualidade**, de modo que para além do estudo bibliográfico, a relação com esses fenômenos sinalizou a necessidade de escutar o outro e dar visibilidade a sujeitos fronteiriços da diferença na mitologia e no referido curso.


A realização de entrevistas com um discente do curso teve por objetivo fazer emergir as ressonâncias e os vestígios tanto da exclusão, quanto da afirmação/resistência de sexualidades no contexto curricular, expressas no ecoar das vozes desses sujeitos em suas trajetórias formativas. O próprio entrevistado se autoneomeou como: homossexual.

No decorrer desse estudo, não tivemos a intenção de tomar os discursos dos sujeitos como “objeto” de análise, pois os sujeitos são efeitos das linguagens, das enunciações dos *entre-lugares* de onde falam. Por isso, almejamos estabelecer conjuntamente um diálogo com interlocutores e colaboradores, dando relevo às suas vozes, impressões, silenciamentos, presenças e ausências nos processos de construção dos *entre-lugares* da diferença no campo curricular.

Costa (2014) sinaliza a potência de um filosofar como

[...] um pensar/filosofar constituído por emaranhados literários e conceituais, formulação de problemas, diálogo com intercessores, caminhos e trajetões, a crítica e a clínica como atitude investigativa, estilos de uma escrita povoada de paisagens e sonoridades desterritorializadas no tempo e no espaço, em suma, um devir-





escrita inacabado, que perfura buracos e abre fendas no intervalo do pensar em busca do gesto criador (COSTA, 2014, p. 2).

Na imersão em um pensar/filosofar, a pesquisa buscou nomear de forma escorregadia os sujeitos invocando os deuses da mitologia, com o cuidado de observar, para a divindade escolhida, uma ligação e característica próxima aos fluxos narrativos do sujeito fronteiriço, com singularidades que se entrelaçam à trama dos deuses e humanos.

De dentro dos labirintos da mitologia grega antiga foi escolhido o semideus **Aquiles** para nomear o sujeito entrevistado – evitando a identificação direta de seu nome – quanto com a perspectiva de ouvir suas sonoridades mitológicas relacionadas ao tema da diferença, perceber suas origens, tramas e os movimentos desse efeito transfigurador das imagens de dor, revolta, angústia, preconceitos e lutas que configuram a força e a fragilidade inscritas na condição de deuses e humanos.

Nesse pensar sobre as travessias híbridas dos *entre-lugares* na perspectiva da diferença, as histórias das mitologias conjugadas às vozes do sujeito fronteiriço remeteram a um limiar entre **deuses e humanos** nos abismos das diferenças de **gênero-sexualidade**, com o propósito de tocar na indeterminação do que somos.

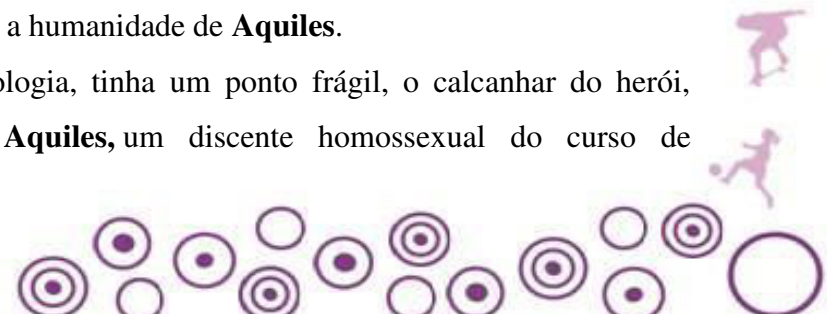
### **AQUILES: da força à fragilidade de seu tendão.**


**Aquiles**, filho de Tétis, com as profecias de Prometeu, seria maior que seu pai, Zeus, e diante disso os deuses resolveram destinar Tétis como esposa de Peleu.

Enquanto Tétis clama à vida transfigurada pela imagem de seu filho, um simples mortal, diante dos deuses mitológicos, e também pensando na (in)visibilidade de seu filho e as difíceis batalhas que estavam por vir, buscou fortalecer **Aquiles**, enfraquecido pela mortalidade e acabou, segundo Vernant (1999), mergulhando seu filho ainda criança nas águas do mitológico rio Estige. As águas do rio o tornaram um herói invulnerável, exceto no calcanhar, por onde a mãe o segurou para mergulhar no rio, daí a famosa expressão “calcanhar de Aquiles”.

Pensar os *entre-lugares* da diferença sexual em meio ao jogo de (in)visibilidade nos territórios da UFPA, remeteu-nos a buscar um entrelaçamento com a mitologia grega a partir da figura de **Aquiles**. Esse personagem, durante muito tempo, foi o mais ilustre dos guerreiros, e segundo Bulfinch (2002), foi a imagem de uma humanidade condenada à morte. Morrer constitui a fragilidade que marca a humanidade de **Aquiles**.

A fortaleza de **Aquiles**, na mitologia, tinha um ponto frágil, o calcanhar do herói, metaforicamente projetado no nosso **Aquiles**, um discente homossexual do curso de





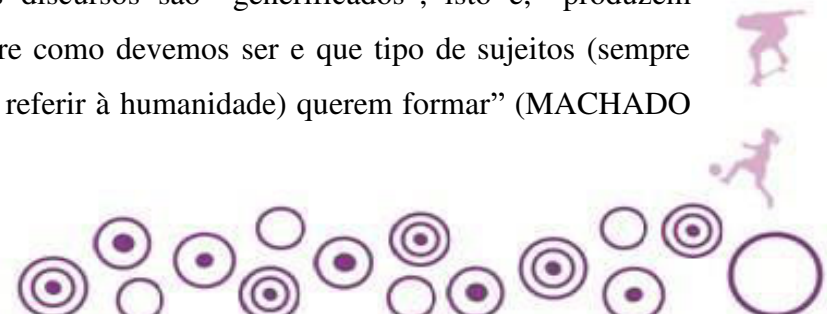
Pedagogia, arremessado às fronteiras da sociedade em função da afirmação de sua diferença constituída na liberdade de sua opção sexual que, em uma cultura heterossexual ressoa como ponto vulnerável nas fronteiras da UFPA. As atitudes articuladas de nosso herói destemido, dono de uma coragem e força que o fazem dar visibilidade à presença da diferença, do seu eu homossexual, é algo que potencializa a nossa humanidade estranhada pela normatividade das culturas.


Com base em Louro (2000, p.10), a normatividade opera “fortemente, no campo da sexualidade”. Ao deixar o sexo falar mais forte, ao expor o seu próprio “calcanhar de Aquiles” diante de uma cultura e uma sociedade heteronormativa, a sexualidade de **Aquiles** é metamorfoseada em **fragilidade/força/coragem** arremessadas às fronteiras da sociedade, por transgredir a normalidade.

Transfigurando a temporalidade dos *entre-lugares*, entre passado e presente, entre deuses e homens, entre vida e morte, pela (in)vulnerabilidade da diferença em dois tempos distantes, traçamos uma ponte entre a imagem de **Aquiles** e a diferença sexual a perambular pelo campus da UFPA. Talvez isso se traduza em um movimento de “vulnerabilidade ao outro na sua exterioridade, assumindo o risco que essa atitude de abertura e exposição implica. Pois somente no risco que envolve essa exposição é capaz de surgir uma relação ética de acolhimento ao outro na relação face a face” (MIRANDA, 2013, p.5).

Enquanto **Aquiles** estava alojado no armário da (in)visibilidade e ninguém sabia ou fingia não saber que ele era *gay*, ele estava protegido. Porém, a revelação da sua sexualidade se transforma em seu calcanhar, seu ponto vulnerável, sua fraqueza diante da sociedade. Podemos sentir essa fraqueza quando ele fala um pouco da sua família que é católica e não aceitava sua sexualidade. Mas ele considera: “não é pecado não me sentir pecador por ser *gay*, onde meus tesões vibram, pulsam e que isso tem que ser discutido e isso me transforma em um sujeito totalmente diferente do que eu era antes de entrar no Curso de Pedagogia” (Aquiles).

Pensar o gênero, segundo Scott (1995, p.7), é “uma maneira de indicar as ‘construções sociais’ – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres”. Papéis esses (in)visíveis aos (homens/mulheres, *gays*, transgêneros). **Aquiles** é uma indeterminação a percorrer os *entre-lugares* do gênero/sexualidade na sociedade e nos corredores da Universidade, pois seus discursos são “generificados”, isto é, “produzem sentidos sobre homens e mulheres, sobre como devemos ser e que tipo de sujeitos (sempre enfatizando o gênero masculino para se referir à humanidade) querem formar” (MACHADO e COUTINHO, 2016, p. 5).





O **semideus** enuncia interpelações, tensões e conflitos entre uma sexualidade “vigiada” e outra “livre”. Essas tensões de **Aquiles** podem ser indicadas durante seu diálogo quando se refere ao **olhar do outro** como “um olhar da diferença, do estranho daquilo que é “uma identidade que não deveria estar ali”. (Aquiles).

No tocante a essas questões, Louro (2008, p 89) considera que definir alguém como *gay* “homem ou mulher, como sujeito de gênero e de sexualidade significa, pois, necessariamente, nomeá-lo segundo as marcas distintivas de uma cultura – com todas as consequências que esse gesto acarreta: a atribuição de direitos ou deveres, privilégios ou desvantagens”.

No Curso de Pedagogia, **Aquiles** é um outro combatente que transgride os limites impostos à sua sexualidade pelo sistema binário feminino-masculino, tais como travestis, transgêneros, assexuados, transexuais mulheres e homens (MACHADO e COUTINHO, 2016, p.9), mas sua vulnerabilidade é notada desde a divindade.

Segundo Bulfinch (2002), **Aquiles**, o semideus foi questionado por sua mãe sobre morrer velho e ser esquecido, ou morrer novo como guerreiro e alcançar a glória. **Aquiles** preferiu a glória e morreu muito novo, pois essa foi a forma de inscrever seu nome na história grega. Esse ato expressa sua autoafirmação e sua força perante a norma.

**Aquiles** percorre hoje os *entre-lugares* por ser um estudante **forte** e ao mesmo tempo **frágil**, pelo simples fato de se afirmar, no momento em que ele resolve expor sua sexualidade afirmando sua diferença e quando ele assume essa alteridade e tal condição *entre* é fragilizada do ponto de vista da sua sexualidade. Certamente esse outro, ao se afirmar, expõe-se em sua fragilidade no convívio social.

**Força/fragilidade** não estão em mundos ou lados opostos (feminino e masculino; homossexual e heterossexual), mas são as duas faces da mesma moeda, configurando uma relação de poder e resistência, conforme adverte Foucault (2010).


Uma outra forma em que **Aquiles** procura mostrar sua força e superar suas fragilidades é quando ele busca a superação na vida, tentando se sentir “forte” no meio social, para “aparecer” de alguma forma.

Ou eu vou ser sempre o melhor ou serei esmagado. Isso eu venho percebendo na minha formação como pedagogo, na verdade, vigiado ou punido. Eu sempre vou estar nesse limite entre ser o melhor/pior. Ser médio não pode ser esperado de mim por causa da minha sexualidade (Aquiles).

As interlocuções com **Aquiles** indicam que buscar ser “o melhor” na profissão de pedagogo requer muito estudo em sua trajetória de formação, isto significa ter as melhores notas e conceitos, e cumprir as normas instituídas para o ambiente. Há uma força nisso, no







esforço que é desprendido para alcançar esse lugar, mas há também uma fragilidade, uma vez que toda essa dedicação não se realiza simplesmente pelo simples prazer de estudar, mas como uma exigência para suprir uma “falha” de sua homossexualidade no seio de uma cultura heteronormativa.

O currículo do Curso de Pedagogia da UFPA parece ainda não ter ido ao encontro das multiplicidades, embora uma nova forma de educar já seja notada, quando professores e grupos de pesquisa discutem a diferença e a exclusão. É o que parece dizer **Aquiles**.

A trajetória da grade curricular é muito fechada, as práticas pedagógicas e por se discutir diferença e a minha discussão com a diferença foi uma busca além do currículo na minha graduação, discutindo com meus colegas, em grupos de pesquisa. (Aquiles).

A importância de conhecer e discutir os *entre-lugares* da diferença no campo curricular nos possibilita a percepção da diferença em nossa prática pedagógica, da relação entre currículo e cultura, como um “dizer-fazer”, advindo do acúmulo dos estudos de currículo e das práticas curriculares construídas pela história dos educadores.

### **Considerações transitórias**

Nas tramas da diferença aqui expostas notamos uma norma (in)visível da homossexualidade tratada como “diferença”, sem um lugar, mas *entre-lugares*, um ‘terceiro espaço’. Observamos que o diferente aqui é gay.

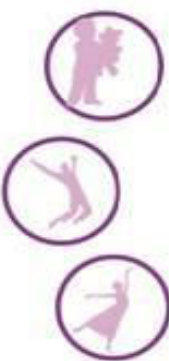
Pensar os *entre-lugares* da diferença nos labirintos desta pesquisa impulsionou-nos a tramar o jogo da diferença como elemento híbrido no Curso de Pedagogia, como potência ambivalente, não cabendo nos enquadramentos “identitários” e em “lugares” tão bem demarcados pela normalidade social, muito presentes na educação, sobretudo no campo curricular. Sendo assim, pensar a temática como um campo de problematizações e conceber a existência como uma experimentação com a vida, possibilitou a emergência de singularidades e implicou na composição dessa escrita por uma interlocução com os sujeitos fronteiriços da pesquisa, na perspectiva de combater o tratamento binário e excludente à diferença e de afirmar sua insubmissão e criação.

### **Referências**

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 2013.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis (1796-1867)**. Tradução de David Jardim Júnior. 26ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.





COSTA, Gilcilene Dias da. Labirintos do filosofar/pesquisar com Nietzsche-Deleuze. **Revista Fermentario** (Brasil/Uruguai). Nº 8, Vol. 2 (2014).

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 22ª ed. Rio de Janeiro: Editora: Graal, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MACHADO, Girlane Martins; COUTINHO, Karyne Dias. Gênero e sexualidade em Planos de Educação: polêmicas e silenciamentos. In: COUTINHO, Karyne Dias; LOPES, Denise Maria de Carvalho (orgs.). **Educação, cultura e currículo**: sentidos e práticas em movimento. Natal: EDUFRN, 2016.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

MIRANDA, José Valdinei. A. **Alteridade e o paradoxo da hospitalidade na educação**. In: 36º reunião ANPED. 2013.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre: FAFED/UFRGS, n. 16 (2), p. 5-22, jul/dez. 1995.

VERNANT, Jean-Pierre. Mito e sociedade na Grécia Antiga. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas Aguiar  
Diagramação: Thomas Aguiar

